

PORÕES DA DITADURA

Livro sobre presos políticos do ES revela aparato de tortura no 38º BI

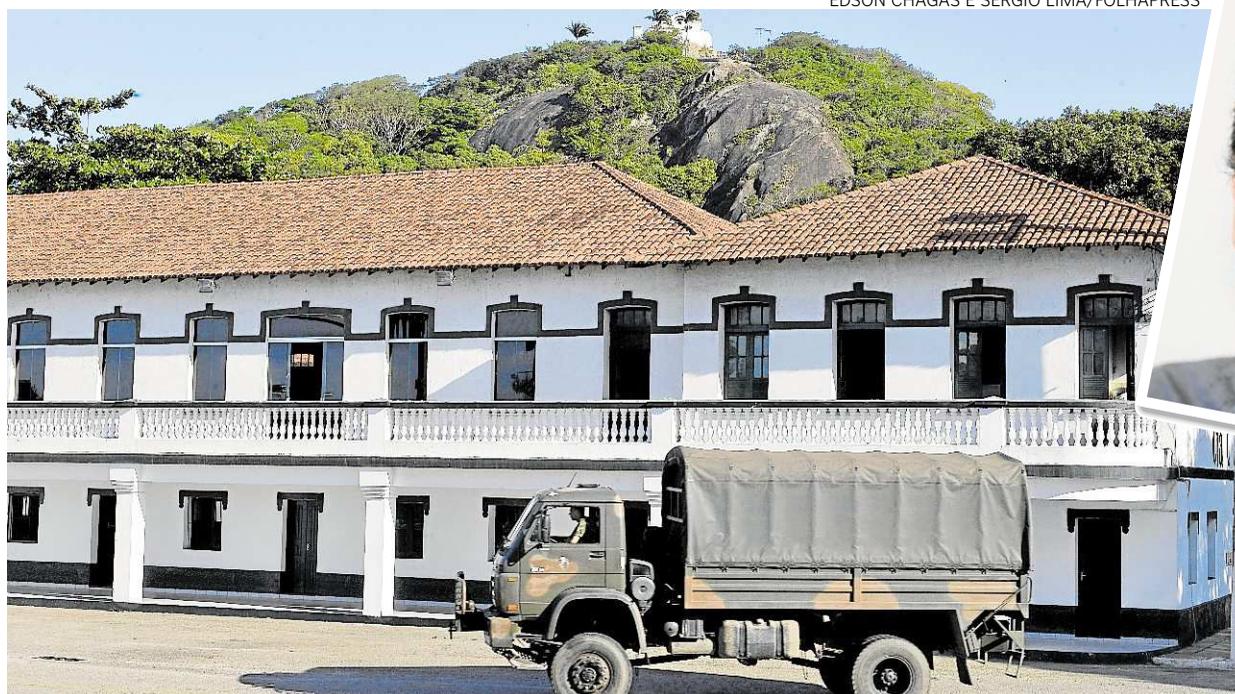
Filho de Míriam Leitão e Marcelo Netto, Matheus Leitão localizou oficiais da linha-dura no Estado

▄ RONDINELLI TOMAZELLI
rtomazelli@redgazeta.com.br

Filho de presos políticos que sobreviveram à prisão e à tortura dentro do 38º Batalhão de Infantaria em Vila Velha, o jornalista Matheus Leitão Netto fez um profundo mergulho histórico e pessoal nos subterrâneos da ditadura militar no Espírito Santo.

Fruto de mais de 10 anos de pesquisas que superaram um silêncio generalizado de militares da linha-dura do regime que atuaram em solo capixaba, o livro “Em nome dos pais”, que será lançado no próximo dia 25 na livraria Saraiva no Shopping Vitória, reconstituiu os dias de dor, medo e horror vividos por dezenas de militantes clandestinos do PCdoB capixaba dentro daquelas dependências do Exército nos anos 1970. Entre eles, os pais de Matheus: os jornalistas Míriam Leitão (torturada grávida do primeiro filho, o também jornalista Vladimir Netto) e Marcelo Netto.

Com métodos de jornalismo investigativo e farta documentação pesquisada, Matheus encontrou a família do Capitão Guilherme, cujo filho é fã do deputado de ultradireita Jair Bolsonaro. Morto tempos depois de receber a Medalha do Pacificador, Pedro Guilherme Ramos era o homem que, na prática, comandava o 38º BI e, segundo testemunhos dos militantes presos, participava das sessões de tortura.

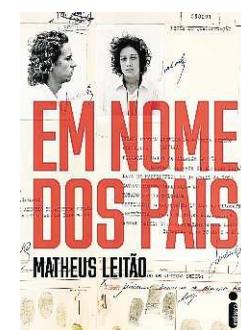


38º Batalhão de Infantaria, em Vila Velha: livro de Matheus Leitão (detalhe) relata sessões de tortura no Estado

EDSON CHAGAS E SERGIO LIMA/FOLHAPRESS



HISTÓRIA DO ES



LANÇAMENTO EM VITÓRIA

▼ “Em nome dos pais”
Livro de Matheus Leitão
▼ Quando: Quinta-feira, 25 de maio, das 19h às 22h, com presença de Matheus
▼ Onde: Saraiva Mega Store, no Shopping Vitória

TRECHOS DO LIVRO “EM NOME DOS PAIS”

“Dr. Pablo, o coronel Paulo Malhães, confirmou que usava cobras e jacarés. (...) Ele foi o torturador da minha mãe, esteve na direção dos atos de sofrimento imposto àquele grupo de jovens em Vitória”

“Como Jorge Luiz de Souza, meu pai ficou nove meses em uma solitária. Uma roleta-russa quase lhe tirou a vida. Foi muito torturado. Magdalena Frechiani foi presa e torturada grávida, como minha mãe”

“Míriam está grávida. É sua responsabilidade a vida desse bebê, comandante”, avisou Marcelo”. “Na cadeia, Míriam disse: ‘Nosso filho não pode chamar Ernesto. Será Vladimir. O ditador escolhido se chama Ernesto Geisel’”

“Um rapaz estava na frente de Marcelo com o revólver junto a seu peito. Minha mãe perguntou pelo mandado de prisão e um deles encostou a metralhadora no peito dela, respondendo: Isso serve?”

Espancamento, choques elétricos, ameaças de estupro e de morte, assédio sexual, porradas, tapas na cara, chutes nas costelas, proibição de dormir por dias seguidos, cães ferozes, roleta-russa, revólver na cabeça, cobras em sala escura foram alguns dos métodos que os oficiais usavam para conseguir “confissões” dos então

jovens estudantes da Ufes.

Numa narrativa histórica que resgata um pouco conhecido passado da ditadura no Espírito Santo, o jornalista reconstituiu diálogos sombrios no quartel, localiza personagens da repressão que hoje moram no Estado e faz um inventário político-afetivo da geração que lutou contra a ditadura. Há

reencontros emocionados com ex-presos políticos da época, como Vitor Buaiz, cuja mulher sofreu um aborto ao saber da prisão, fato admitido por um ex-militar localizado no Sul da Bahia.

A queda do “grupo Vitória” do PCdoB é explicada pela delação de Foedes dos Santos, líder do comando regional que entregou os

colegas capixabas depois presos e torturados. Matheus localizou Foedes em Santa Maria de Jetibá em 2015: chegou a perdô-lo e a fazer orações na casa dele após a confissão de que delatou os amigos e até Lincoln Cordeiro Oest (morto na tortura).

Conforme o livro, o trabalho do Capitão Guilher-

me foi importante para dizer o Partido Comunista do Brasil e isolar a guerrilha no Araguaia porque conseguiu as informações via Foedes. “Depois o regime usou-as para matar pessoas do Comitê Central, como Lincoln, depois, por consequência, o Carlos Danielli, e, a partir daí, isolar a guerrilha”, diz trecho do livro.